

Especial

# Mais que acessórios

Ser artesã sempre foi o grande propósito de Adriane Adratt, 53. Entre os trabalhos manuais, produzir bijuterias está no lugar mais alto de seu coração. Contudo, descobriu no universo das biojoias uma nova forma de expressar sua arte e afeto pela natureza. Começou a mesclar, primeiro, algumas sementes nas peças que confeccionava para uso próprio. Depois de gostar tanto do resultado, decidiu mergulhar cada vez mais nos estudos e experimentar materiais alternativos, como cascas e folhas.

“Como resultado, mudei meu foco de criação para a busca da sustentabilidade nas peças, ou seja, as biojoias”, conta. O Cerrado, claro, é a grande referência dos trabalhos da artesã. O processo de criação feito por Adriane não cumpre nenhum passo a passo específico. Muito pelo contrário, ela se deixa levar pelas inspirações que tem e pelos materiais que esbarra nas pesquisas realizadas na rua.

A chave de tudo está nos elementos que Adriane encontra, sendo essencial que eles sejam passíveis de higienização e desidratação, já que são processos primordiais para que o material não se degrade. “Às vezes, fico por um tempo com o material até que aleatoriamente eles vão se encaixando por cor ou formato que cabe dentro de uma estética. Em seguida, é só pensar e trabalhar direitinho”, brinca a artesã.

Desde pequena, o bioma sempre lhe encantou. A resiliência da natureza e a paleta de cores. A ligação incomum com tudo aquilo que viveu quando mais nova, na cidade de Palmas, no Tocantins. Lá, o primeiro contato com o Cerrado foi o suficiente para fazer Adriane não desgarrar. Ao se mudar para Brasília, em 2002, se apaixonou ainda mais pelos formatos e cenários diferentes do que vivia no outro Estado.

“Fiz inúmeros registros fotográficos de tudo que me encanta. Flores, folhas, galhos, rios, cachoeiras. Em um período muito verde e outro muito seco. Flores minúsculas no chão e árvores muito tortas e com folhas e flores de incontáveis



Adriane descobriu no universo das biojoias uma nova forma de expressar sua arte



Adriane começou a produzir biojoias graças ao amor que sempre teve pela natureza

cores e formas. Consequentemente, esses registros continuam sendo minha paixão e inspiração”, recorda. Hoje, ela é proprietária da Yasá Biojoia, loja criada em 2006. Nada disso seria possível se o Cerrado não estivesse no epicentro desse afeto. O respeito e a valorização do bioma são, ainda, os pilares da artesã no trabalho que desenvolve. Além, sobretudo, das inspirações que retira deste mundo aberto.

## Risoto de galinhada

- Sobrecoxa desossada;
- Picles de maxixe feito na casa;
- Maionese de pequi;
- Farofa crocante cítrica;
- Arroz plantado na comunidade Kalunga

## Arranjos e cuidados

De acordo com a florista Lilian Souza, o Cerrado explora infinitas possibilidades de arranjos, acentuando estilos marcados por trabalhos orgânicos. “Em função da diversidade de formas, texturas e riquezas de espécies, podemos decorar ambientes com arranjos que têm durabilidade e identidade regional. Usufruir dos troncos, dos galhos e das folhagens que, por questões de sobrevivência, são tão ásperos, grossos e retorcidos nos permite efeitos de movimentos jamais alcançados por nossas mãos”, explica.

Arranjos que podem desidratar naturalmente em ambiente arejado, podendo ser preparados por quem aprecia esse bioma e o estilo das espécies. Quanto às flores, nem sempre resistem muito tempo, mas são exuberantes em suas efêmeras aparições. “As menos frágeis, conseguimos desidratar e prolongamos sua beleza, que pode ser apreciada em cada fase do processo. No Ateliê Fluorita, utilizamos em buquês, guirlandas, lapel e onde nossa sensibilidade permitir.”